

ENTREVISTA

AS CIÊNCIAS SOCIAIS E OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE ENTREVISTA COM RENATO ORTIZ.

Professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Campinas (UNICAMP – IFCH), Renato Ortiz se dedica à pesquisa nas áreas de globalização, ideologia e cultura desde o fim da década de 1980. O sociólogo é autor de *A Diversidade dos Sotaques: o inglês e as ciências sociais* (Brasiliense, 2008), *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (Brasiliense, 1998), *A Moderna Tradição Brasileira* (Brasiliense, 1994) e *Mundialização e Cultura* (Brasiliense, 1996), entre outros.

Ortiz traz grandes contribuições para o debate acerca dos processos de globalização, internacionalização e mundialização decorrentes desta nova era, marcada pela reconfiguração do espaço e das relações. Compreender a dimensão e complexidade deste debate nos permite refletir a respeito das consequências sociais, econômicas e políticas decorrentes de tais processos que tendem a atingir direta e indiretamente nossos modos particulares de vida.

Com o objetivo de elucidar a temática, além de discorrer sobre a complexidade e a diferenciação dos conceitos *globalização*, *mundialização* e *internacionalização*, Renato Ortiz comenta os desafios das Ciências Sociais em meio à conjuntura social atual. Além de versar sobre a importância dos estudos pós-coloniais para o enriquecimento do debate e a forma com que os efeitos, provenientes do processo de mundialização, interferem nas identidades, nas culturas e no mundo do trabalho.

Confira a entrevista.

*A comissão
Araraquara, São Paulo, fevereiro de 2016.*

Comissão Editorial: *Quais são os desafios das Ciências Sociais Brasileiras na contemporaneidade?*

Renato Ortiz: Penso que é possível dizer que as Ciências Sociais estão maduras no Brasil. O problema é que elas se tornaram prisioneira de sua própria história. Para se afirmar como “brasileira” elas voltaram-se exclusivamente para o Brasil. Temos uma obsessão pelo nacional. Isso restringe o horizonte cosmopolita no qual as Ciências Sociais deveriam se desenvolver.

C.E.: *Qual a relevância para as Ciências Sociais no Brasil, hoje, (não sei bem desse “hoje” entre vírgulas, acho estranho) da leitura de autores conhecidos como Pós-coloniais ou dos Estudos Culturais?*

R.O.: Creio que a leitura de autores estrangeiros, sobretudo quando se trata de debates de ideias, é sempre importante para nós. Entretanto, é preciso qualificar a leitura e entender as diferenças entre as correntes e a sua relevância. No caso dos Estudos Culturais um ponto importante diz respeito à abertura das fronteiras das disciplinas. Mas não nos encontramos mais nas décadas de 1980 e 1990 nas quais os Estudos Culturais eram uma novidade. Ao longo do século XXI este movimento se acomodou e, no caso brasileiro, teve uma influência restrita. Quanto aos pós-colonialistas penso que a maior contribuição seja a crítica ao eurocentrismo, entretanto, a proposta de analisar os fenômenos sociais atuais através da oposição colonizador/colonizado parece bastante reducionista. Dificilmente ela captaria a complexidade do mundo em que vivemos.

C.E.: *Pensando nas sociedades contemporâneas, qual a diferença entre “mundialização”, “internacionalização” e “globalização”?*

R.O.: A ideia de inter-nacionalização, como marca o uso do hífen, implica na relação entre as nações. Ou seja, a nação é a unidade independente que realiza as diferentes interações entre elas. Uma nação A interage com uma nação B, C, D, etc. O raciocínio pressupõe a interação como resultado dessas unidades independentes. O processo de globalização não pode ser compreendido a partir da unidade nacional, ele o transcende; dito de outra maneira, ele atravessa cada uma das nações existentes no mundo. Por isso se discutiu tanto sobre a crise da nação nos últimos anos (chegando-se inclusive ao *nonsense* de se falar do “fim das nações” o que é um equívoco). O importante é, no entanto, entender que o

processo de globalização não se reduz à compreensão do nacional, seja do ponto de vista político ou conceitual. A diferença entre globalização e mundialização foi introduzido por mim no livro “Mundialização e Cultura”. Trata-se de uma diferenciação conceitual. Globalização nos remete à ideia de unicidade. Há uma economia global, uma tecnologia global. Entretanto, haveria uma “cultura global”? Única e homogênea em todo o planeta? Minha resposta foi: não. Para qualificar este não procurei utilizar o termo globalização ao falar de economia e tecnologia, mas mundialização ao falar de cultura. Neste sentido, não existe uma “*global culture*”, mas um movimento diferenciado de mundialização no interior de uma situação de globalização. Por exemplo: a diversidade dos idiomas existentes no mundo atual, hierarquizados através do inglês no mercado mundial de bens linguísticos.

C.E.: *Como os efeitos gerados pela mundialização incidem na cultura e nos processos identitários? Nesse sentido, em que implica falar, por exemplo, de um processo cultural homogeneizante? O inglês, como língua universal, reflete esse processo?*

R.O.: O mundo não é “plano” tampouco homogêneo. O que existe é a expansão da modernidade-mundo. Porém ela se realiza de maneira diferenciada em função da história dos povos e das nações. A questão da globalização implica algo em comum e diferenciado. Não se trata de uma homogeneização do planeta. Vejamos o caso da hegemonia do inglês. Ela não implica o fim dos outros idiomas, mas uma nova relação de poder entre eles. O inglês torna-se o centro do universo linguístico mundial, ou seja, ele “vale”, simbolicamente, “mais” do que as outras línguas. É esta relação de poder que deve ser compreendida não o fato da suposta homogeneização do mundo.

C.E.: *Frente aos desafios colocados pelo mundo globalizado, onde as fronteiras se encontram cada vez mais fluídas, possibilitando o surgimento de movimentos radicais de Estado e Contra-Estado, o que pensa sobre o lugar que ocupa o debate acerca do conceito de cultura hoje?*

R.O.: Esta é uma pergunta interessante, mas seria difícil respondê-la a contento numa entrevista como esta. Inclusive, escrevi recentemente um artigo “A cultura no mundo contemporâneo” que sairá na revista *Estado e Sociedade* da UNB [Universidade de Brasília]. Há várias mudanças. Uma delas diz respeito a esfera cultural transformar-se num lugar de poder. Isso significa que diferentes

movimentos podem se apropriar das manifestações culturais para “fazer política”. Um tema interessante que escapa das modalidades tradicionais: Estado, partido, sindicato, movimentos sociais.

C.E.: *Como os efeitos decorrentes do processo de mundialização incidem no mundo do trabalho na contemporaneidade?*

R.O.: Os sociólogos do trabalho e os economistas têm insistido nas mudanças existentes na esfera do trabalho. Muitos deles sublinham a passagem de um momento “fordista” para outro de um capitalismo “flexível”. Do ponto de vista cultural creio que a principal transformação diz respeito à ética, ou seja, a maneira como o trabalho é pensado na sociedade contemporânea. Ele já não mais se ajusta às ideias de Weber que descreve a época heroica da mentalidade capitalista. A frugalidade, a contenção, enfim, as qualidades que ele associava ao protestantismo calvinista, são hoje suplantadas pelo hedonismo e o efêmero da sociedade de consumo.